

Fórum abençoa modelo de Palocci

Apenas Ricardo Carneiro, economista do PT, condenou política econômica

Flávia Oliveira

• Não fosse a presença de um petista, os quase cinco meses da política econômica do ministro Antonio Palocci teriam sido abençoados por unanimidade na abertura do XV Fórum Nacional. Na sessão que debateu — pelo quinto ano seguido, como frisou o ex-ministro João Paulo dos Reis Velloso, organizador do evento — as ações para levar o país ao crescimento sustentado, foram dominantes a defesa da austeridade fiscal, da queda na relação dívida-PIB e do sistema de flutuação cambial com um mínimo de intervenção.

Exatamente como o sucessor de Pedro Malan vem pregando, mas sem o testemunho de um só membro da atual equipe da Fazenda. O secretário de Política Econômica, Marcos Lisboa, cancelou sua participação na véspera, alegando que participaria do en-

contro de Palocci com a vice-diretora-gerente do FMI, Anne Krueger. O senador Aloizio Mercadante, que abriria o evento, também não compareceu.

Pastore diz que volatilidade vem da relação dívida-PIB

Coube ao ex-presidente do Banco Central (BC) Affonso Celso Pastore a defesa mais veemente do choque de credibilidade via política fiscal, um dos compromissos da nova equipe no recém-divulgado documento “Política econômica e reformas estruturais”. Num estudo inédito, Pastore procurou demonstrar que a volatilidade, tanto do risco-país quanto do dólar — que acaba pressionando a inflação — está relacionada ao tamanho e à composição da dívida pública. Segundo ele, países como México e Chile, cuja dívida pública não passa de 30% do PIB, sofrem menos com a oscilação dos indicadores do mercado:

— Retirar a volatilidade do

câmbio e do prêmio do risco significa retirar as dúvidas. Isso deve ser feito com política fiscal e redução da dívida, não com intervenções no câmbio, embora elas tenham eficiência para estourar bolhas.

Em maior ou menor grau, a visão fiscalista de Pastore foi apoiada pelos participantes do Fórum, entre os quais o ex-ministro Marcilio Marques Moreira, os economistas Alexandre Schwartsman (Unibanco), Raul Velloso e Clarice Messer (Fiesp) e o empresário Márcio Fortes (Firjan). Mas bateu de frente com a posição de Ricardo Carneiro, diretor do Centro de Estudos de Conjuntura da Unicamp. Até um ano atrás, Carneiro era um dos mais influentes formuladores econômicos do PT. Saiu da campanha presidencial antes de o então candidato Lula divulgar a “Carta ao povo brasileiro”, documento no qual se comprometia com austeridade fiscal, metas de inflação e câmbio flutuante.

— Essa combinação de política macroeconômica produziu no segundo mandato de Fernando Henrique um crescimento mediocre. Se ela prevalecer, vai produzir o mesmo no governo Lula, porque as políticas estão acima das pessoas e dos partidos. Essa política é, na verdade, anticrescimento — condenou.

Carneiro defende queda da Selic; Pastore, manutenção

Carneiro anunciou seu Plano B, que prevê mecanismos de controle de capitais para manter estável a taxa de câmbio real. E defendeu a redução imediata dos juros, para evitar uma contração mais severa da atividade econômica. Pleito idêntico fez Clarice Messer. Pastore, por sua vez, condenou o controle de câmbio e se manifestou favorável à manutenção da Selic em 26,5%. Para ele, a instabilidade internacional e a inércia da inflação exigem cautela do BC. ■